

## **RELATÓRIO**

### **3.º ENCONTRO TÉCNICO DA REDE TEMÁTICA**

### **"PROTEÇÃO E VALORIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS" DE CIDADES UCCLA**

#### **FICHA TÉCNICA:**

Título: Relatório 3.º Encontro Técnico da Rede Temática Proteção e Valorização de Centros Históricos de Cidades UCCLA

Elaboração: Eng.º Renato Martins Costa | Coordenador do Projeto Redes Temáticas de Cidades UCCLA

Dezembro de 2013

#### **SUMÁRIO:**

##### **I. CONTEXTO**

##### **II. CIDADES PARTICIPANTES**

##### **III. PROGRAMA DO ENCONTRO**

##### **IV. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS E TEMAS APRESENTADOS**

##### **V. CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES**

## I. CONTEXTO

Teve lugar no dia 13 de dezembro de 2013, nos Paços do Concelho da cidade de Lisboa, em Portugal, o III Encontro Técnico da Rede Temática “Proteção e Valorização de Centros Históricos de Cidades UCCLA”, no quadro das atividades da referida rede. Este Encontro foi precedido pelos encontros realizados, respetivamente, na cidade da Ribeira Grande de Santiago/Cidade Velha, em Cabo Verde, em 2011, e em Guimarães, em 2012.

O projeto Redes Temáticas de Cidades UCCLA foi aprovado a 7 de maio de 2010, em Salvador da Baía, no Brasil, na XXVII Assembleia-Geral da UCCLA, da qual faz parte a Rede Temática “Proteção e Valorização de Centros Históricos”, tendo por cidade guia a cidade de Guimarães, em Portugal. O projeto funciona com base no Regulamento aprovado em Lisboa, pela Comissão Executiva da UCCLA, de 25 de outubro de 2010.

No fundamental, as Redes Temáticas, eminentemente de carácter técnico, visam, em rede e solidariamente, acompanhar as mais modernas tendências e experiências no seu domínio, a partilha de conhecimento e troca de experiências, o encontro de técnicos das diferentes municipalidades, disponibilizar informação sobre a avaliação e resultados correspondentes às medidas, atividades, etc., que vierem a ser desenvolvidas no seu âmbito, pelo que, neste Encontro, de países/cidades diferentes, foram dadas a conhecer realidades específicas sobre a proteção e valorização do respetivo património, tendo os temas em debate incidido sobre o passado, presente e futuro das cidades, centros históricos, regeneração urbana e história.

O Encontro iniciou-se às 9 horas, tendo o Coordenador da Rede Temática, Eng.º Renato Costa, dado as boas vindas e agradecido a presença dos participantes, a que se seguiu o discurso do Secretário-Geral da UCCLA, Dr. Vítor Ramalho, e subsequente apresentação dos temas a debate, tendo como moderador o Dr. Manuel Vilas Boas (jornalista da TSF). O ato de encerramento esteve a cargo do vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Carlos Manuel Castro.

No discurso de abertura, o Secretário-Geral da UCCLA, Dr. Vítor Ramalho, agradecendo a presença dos representantes das diferentes cidades como uma enriquecedora troca de experiências, relembrou o trabalho das redes temáticas e salientou a presença de M’ Banza Congo, que contará com o apoio da UCCLA na sua candidatura.

Sendo que os objetivos da UCCLA consistem no estreitamento de relações entre as cidades do mundo lusófono, o Dr. Vítor Ramalho enumerou algumas das ações desenvolvidas pela UCCLA em prol das populações. Relembrou os 28 anos de existência da instituição, percurso e ações valorativas para as cidades, dando alguns exemplos como: as 1600 ligações domiciliárias de água que foram inauguradas recentemente e que irão abranger cerca de 8500 pessoas de bairros pobres, na cidade da Praia, em Cabo Verde; na cidade de Bissau, na Guiné, a formação de pessoas que “cuidam da cidade do ponto de vista ambiental”; da requalificação do Palácio de Timor; dos projetos de educação e saúde em diversas cidades associadas, numa lógica de entreajuda.

O Secretário-Geral salientou algumas das ações da UCCLA, previstas para 2014. O fortalecimento das relações com a UCCI (União das Cidades Capitais Ibero-Americanas) e a atribuição de um dia de cooperação e diálogo entre os povos. O responsável enalteceu o “reforço dos laços de afetividade entre os nossos povos, aqueles que têm a fala comum, o português, homenageando aqueles jovens que, nos anos 60 do século passado, vieram estudar para Portugal e aqui iniciaram um combate em prol da liberdade e da autodeterminação dos povos e, de alguma maneira, a formação política que colheram e até formação cultural, traduziu-se na circunstância de que, hoje, grandes escritores do nosso mundo lusófono terem nascido na instituição que todos frequentaram, que era a Casa dos Estudantes do Império e que o regime anterior extinguiu”, numa homenagem que conta, já, com o apoio das Embaixadas dos países envolvidos, bem como instituições portuguesas e lusófonas.

## **II. CIDADES E EMPRESAS PARTICIPANTES**

Este encontro teve a participação de um número significativo de cidades, num total de 21 (14 de Portugal, 2 do Brasil, 2 de Angola, 1 de Cabo Verde, 1 da Guiné Bissau e 1 de Macau) o maior registado em encontros já efetuados, circunstância que revela o trabalho desenvolvido e a crescente adesão que este projeto vem conseguindo, o que evidencia a justeza, importância e utilidade dos objetivos que prossegue.

Lista-se as cidades presentes e instituições/empresas convidadas, vocacionadas para a reabilitação e restauro do património. Os elementos relativos aos representantes das mesmas e respetivos contactos constam do anexo específico, que o presente Relatório inclui.

Cidades: Almada, Angra do Heroísmo, Cascais, Coimbra, Estremoz, Évora, Guimarães, Lisboa, Mértola, Odivelas, Oeiras, Ponte de Lima, Sintra e Tavira (Portugal); Natal e Tibau do Sul (Brasil); Luanda e M' Banza Congo (Angola); Bissau (Guiné-Bissau) e Macau.

Empresas: Ecobranco e Entreposto.

### III. PROGRAMA DO ENCONTRO

09H00 – Receção aos participantes;

09H30 - Abertura pelo Secretário-Geral da UCCLA, Dr. Vitor Ramalho;

09H45 - Angra do Heroísmo - “O Futuro de Angra do Heroísmo”, Eng.ª Raquel Ferreira;

10H15 - Ribeira Grande de Santiago/Cidade Velha - “Cidade Velha, passado, presente e futuro”, Dr. Alcides de Pina;

10H45 - Intervalo

11H00 - Tavira - “Centro Histórico de Tavira - Características e Estratégias de Valorização”, Dr. Jorge Queiroz;

11H30 - M`Banza Congo - “Projeto de Candidatura a Património Mundial”, Dr. Rogeiro Eduardo Zabila;

12H00 - Debate

12H30 - Almoço

14H30 - Visita guiada: “Percurso da Cerca Velha de Lisboa - Património a Descobrir”, Dr.ª Manuela Leitão e Dr. Vasco Leitão;

16H00 – Ecobranco – Reabilitação e Restauro, Lda. – “Reabilitação e Restauro – sustentabilidade futura”, Eng.º. Carlos Muralha;

16H15 - Évora - “A Gestão Turística do Património Cultural”, Dr. Nuno Domingos;

16H45 - Lisboa - “A Regeneração Urbana da Frente Ribeirinha de Lisboa”, Arqt.º Paulo Pais;

17H15 - Intervalo

17H45 - Guimarães - “Pensar a Cidade: Um Caso de Estudo”, Arqt.º Ricardo Rodrigues;

18H15 – Debate;

18H45 - Encerramento - Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Carlos Manuel Castro.

**A transmissão em direto foi feita pela Câmara Municipal de Lisboa , estando disponíveis:**

1.ª PARTE

<https://vimeo.com/82187776>

3.ª PARTE

<https://vimeo.com/82285347>

Esta transmissão está disponível, pelo que se pode aceder à mesma, como forma de ouvir e ver, quer as apresentações, como os debates que se seguiram, circunstância que, naturalmente, pode complementar e melhor esclarecer aspetos que, eventualmente, a leitura deste Relatório não possibilite ou traduza eficazmente.

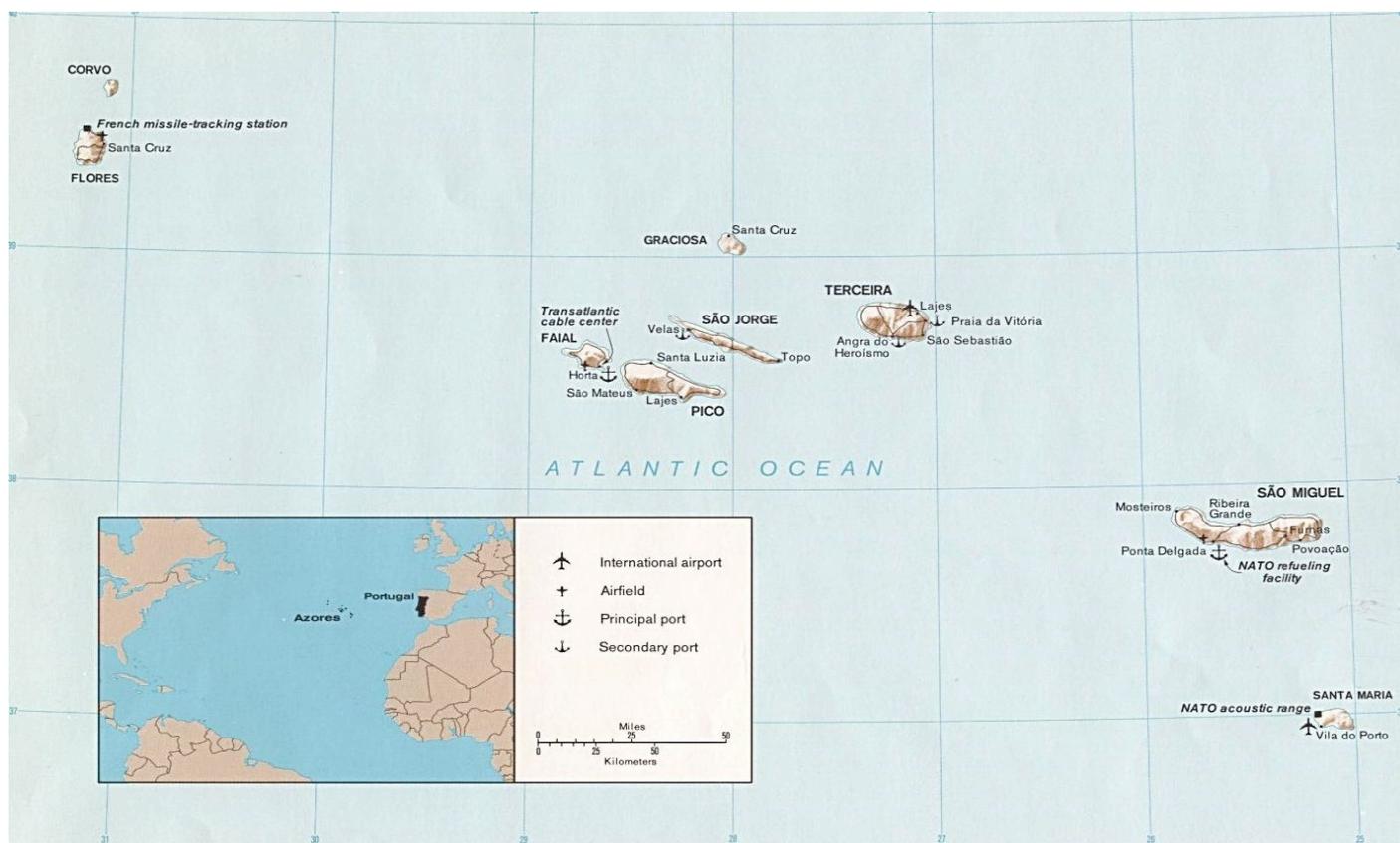
#### IV. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS E TEMAS APRESENTADOS

**Tema 1. Angra do Heroísmo - "O Futuro de Angra do Heroísmo", Eng.ª Raquel Ferreira**

### O FUTURO DE ANGRA DO HEROÍSMO, CIDADE PATRIMÓNIO MUNDIAL

Lisboa, 13 de Dezembro de 2013

#### III Encontro Técnico da Rede Proteção e Valorização dos Centros Históricos



### Angra do Heroísmo – o Passado

Em poucos anos, desde 1478, a povoação foi elevada à categoria de vila e, em 1534, no contexto dos Descobrimentos, foi a primeira do arquipélago a ser elevada à condição de cidade. No mesmo ano, foi

escolhida pelo Papa Paulo III para sede da Diocese de Angra com jurisdição sobre todas as ilhas dos Açores.

As razões para esse vigoroso progresso deveram-se à importância do seu porto como escala da chamada Carreira da Índia, centrado na prestação de serviços de reabastecimento e aparelhamento das embarcações carregadas de mercadorias e de valores. Por essa razão desde as primeiras décadas do séc. XVI aqui foi instalada a Provedoria das Armadas.

A cidade, mais de uma vez, teve parte ativa na história de Portugal: à época da Crise de sucessão de 1580 resistiu ao domínio Castelhana, apoiando António I de Portugal que aqui estabeleceu o seu governo, de 1580 a 1582.

O modo como expulsou os espanhóis entrincheirados na fortaleza do Monte Brasil em 1641 valeu-lhe o título de "*Sempre leal cidade*", outorgado por João IV de Portugal. Posteriormente Angra constituiu-se na capital da Província dos Açores, sede do Governo-geral e em residência dos Capitães-gerais, por Decreto em 1766, funções que desempenhou até 1832. Foi sede da Academia Militar, de 1810 a 1832.

Em reconhecimento de tantos e tão destacados serviços, o Decreto de 12 de Janeiro de 1837 conferiu à cidade o título de "*mui nobre, leal e sempre constante cidade de Angra do Heroísmo*", e condecorou-a com a Grã-Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada.

A cidade sempre teve forte tradição municipalista, e a sua Câmara Municipal foi a primeira do país a ser eleita, já em 1831, após a reforma administrativa do Constitucionalismo (Decreto de 27 de Novembro de 1830).



## Angra do Heroísmo – o Presente

A cidade de Angra do Heroísmo é testemunho vivo do virar de página que representou o abandono dos modelos de viver e construir medievais, em favor do que de novo e moderno traziam a Renascença e os Descobrimentos.



Testemunho que não se refere apenas ao momento criador da urbe, mas também ao papel Desempenha do durante os séculos posteriores na história da expansão europeia.

## **UNESCO – Património Mundial**

Angra do Heroísmo é uma cidade portuguesa e atlântica protagonista dos Descobrimentos e da expansão marítima que fez da Terra uma só, fazendo história na expansão europeia. A herança história, associada à qualidade e originalidade da traça urbana e à persistência de um notável conjunto edificado, valeram-lhe a denominação de Cidade Património Mundial, a 7 de Dezembro de 1983, a primeira cidade portuguesa com esta classificação.



## **Angra do Heroísmo – o Futuro**

Os principais desafios são:

Angra, uma cidade com vida e ativa;  
Requalificação do Centro Histórico;  
Requalificação dos espaços verdes;  
Angra, Cidade Inteligente;  
Urbanismo comercial;  
Eficiência energética;  
Turismo; Juventude.

### **Angra, uma cidade com vida e ativa**

Há que dinamizar a cidade através de uma nova política que procura a requalificação da cidade existente, desenvolvendo estratégias de intervenção múltiplas e destinadas a potenciar os valores culturais socioeconómicos, ambientais e funcionais da área urbana, de modo a elevar de forma substancial e sustentável a qualidade de vida dos residentes. Angra não deverá ser uma montra estática, mas sim um

quadro cheio de vida, convidativo para a vivência familiar, e a quem nos visita, mas também à atrativa para a instalação de novas empresas.

### **Requalificação do Centro Histórico**

Melhoria dos pavimentos, em particular das calçadas do centro histórico, adotando as modernas tecnologias de substituição de pavimentos e criando, quando adequado, galerias técnicas para as infraestruturas enterradas. Promover soluções adequadas para os imóveis arruinados ou devolutos integrados na malha urbana classificada. Operacionalizar o projeto “A minha rua”. Operacionalizar um plano de melhoria das acessibilidades para as pessoas com mobilidade reduzida. Criar condições de estacionamento, trânsito e acessibilidade pedonal que potenciem o comércio e os serviços na zona central da cidade. Liderar o combate à infestação por térmitas. Apoiar os proprietários de imóveis nos processos de certificação da infestação por térmitas e na obtenção dos apoios legalmente previstos.

### **Requalificação dos espaços verdes**

Criação de uma infraestrutura verde na cidade e zonas rurais, numa abordagem à gestão das áreas verdes desenvolvida à escala da paisagem. Criação de uma cintura verde urbana, acessível através de percursos pedestres. Requalificar e ampliar o Jardim Duque da Terceira, integrando um programa de animação cultural e de educação ambiental. Em parceria com os clubes das várias modalidades de desporto de ar livre elaborar uma carta concelhia de desporto de natureza. Candidatura ao programa *LIFE+ Nature*, para proteção das aves marinhas que nidificam no Monte Brasil (garajau rosado e cagarro).

### **Angra, Cidade Inteligente**

Investir no conceito de *Smart City* fomentando a criatividade, o empreendedorismo e a utilização de tecnologias de informação e comunicação. Promover a cobertura com rede de internet *Wi-Fi* dos principais espaços públicos no centro histórico e dos principais espaços verdes e zonas de lazer urbanos do concelho. Promover o concelho através dos novos canais multimédia disponíveis. Participar na criação e dinamização do Parque Tecnológico da Terceira.

### **Urbanismo comercial**

Em parceria com entidades públicas e privadas, investir na revitalização do comércio tradicional e na melhoria do urbanismo comercial no centro histórico. Fomentar a criação de eventos sazonais de animação especificamente voltados para as necessidades do comércio. Abertura de novos espaços de venda para pequenos produtores de produtos alimentares frescos e tradicionais e plantio, incluindo a criação de espaços de excelência para a divulgação e comercialização do artesanato local. Fomentar mercados e feiras tradicionais no centro histórico.

## **Eficiência Energética**

Fomentar a eficiência energética e a redução de custos com energia. Proceder à certificação energética dos edifícios municipais. Fomentar o aproveitamento dos resíduos florestais e da biomassa para utilização industrial, *pellets* e iniciativas similares.

## **Turismo**

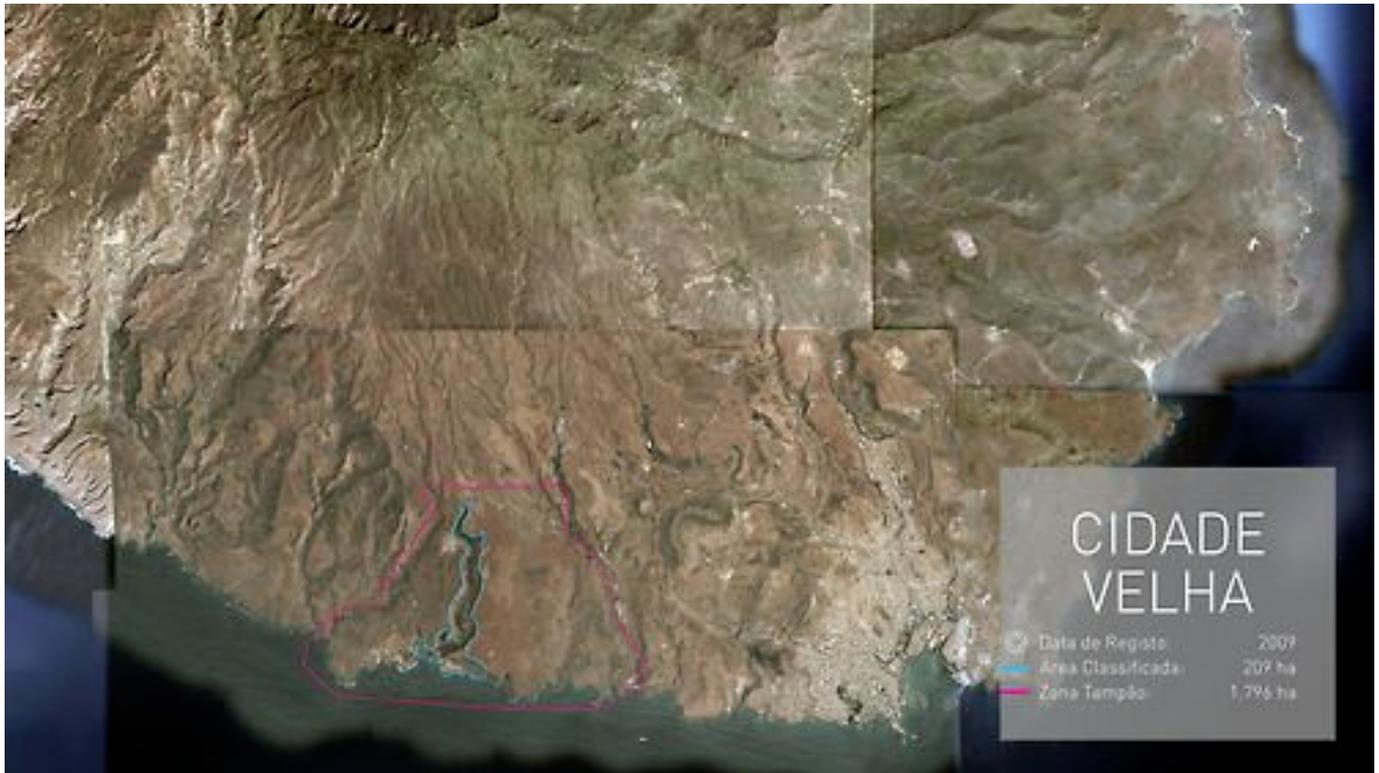
Fomentar a valorização das festividades tradicionais e a sua inclusão no roteiro de visitaç o do Concelho. Melhorar a oferta de informa o tur stica em articula o com entidades p blicas e operadores tur sticos. Valorizar e dar a conhecer o artesanato local como manifesta o da cultura e da criatividade terceirense. Melhorar a sinaliza o e divulga o dos monumentos e outros pontos de interesse cultural, incluindo o Parque Arqueol gico da Ba a de Angra.

## **Juventude**

Cria o do projeto "Jovens Embaixadores do Patrim nio". Manter um programa de rece o de jovens que se encontrem integrados nas diversas modalidades de programas de est gio regionais, nacionais e internacionais. Fomentar programas de voluntariado. Apoiar a realiza o de campos de f rias tem ticos, incluindo os destinados a estudantes do ensino secund rio e superior.



**Tema 2. Ribeira Grande de Santiago/Cidade Velha - “Cidade Velha, passado, presente e futuro”,  
Dr. Alcides de Pina**



O Dr. Alcides de Pina apresentou o seu tema tendo como base o documento que, no seu essencial, refere que a primeira capital de Cabo Verde e sede da sua diocese até ao século XIX, Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago) é, desde 2009, o único Património da Humanidade, material e imaterial, reconhecido pela UNESCO neste arquipélago. Em 2008 recuperou a sua autonomia municipal, retomando o estatuto de Câmara Municipal, perdido no séc. XVIII (1858), época em que o passou para a vizinha e emergente cidade da Praia, reproduzindo assim um processo que, por exemplo, no Brasil opôs Olinda a Recife (vide José de Alencar, “A Guerra dos Mascates”).

Situada na ilha de Santiago, terá sido descoberta pelo genovês António da Noli e por Diogo Gomes em 1460 – a última descoberta feita por navegadores ao serviço de Portugal em vida do Infante D. Henrique. Existem dúvidas quanto a este descobrimento, havendo autores que atribuem ao veneziano Cadamosto a sua possível autoria. De qualquer modo, a descoberta data do séc. XV e da Noli foi o primeiro capitão-donatário desta ilha, tendo a cidade sido fundada em 1462, vindo a converter-se numa muito importante urbe e centro escravocrata, servindo de significativo entreposto do tráfico negreiro.

Tal situação fez de Cidade Velha (Ribeira Grande) um lugar de aclimação e difusão de plantas, naturalmente exógenas, oriundas dos quatro continentes, por ela passando espécies vegetais diversas – como a cana sacarina (originária da Ásia, introduzida pelos árabes no Mediterrâneo e em Portugal, de onde foi encaminhada para a Madeira, seguindo por Cabo Verde para o Brasil e outras partes do mundo), o algodão (Médio Oriente), a mandioca (Américas), o coqueiro (sudeste asiático), etc.

Este facto - que coloca a Cidade Velha no centro do mundo, fazendo dela lugar importante no périplo das espécies vegetais e animais e lhe dão o atributo de património imaterial da Humanidade -, é igualmente importante para o povoamento das ilhas, porquanto muitas dessas espécies arrastaram consigo a chamada mão-de-obra escrava vinda de África. Para trabalharem a cana-de-açúcar e o algodão, tiveram que vir escravos das costas da Guiné e de Angola, os quais, por sua vez, geraram a criouldade, iniciada com os “pardos” que progressivamente ganharam autonomia e se tornaram terra-tenentes.

Ribeira Grande, segundo alguns estudiosos, chegou a ser a segunda maior cidade do espaço português, logo depois de Lisboa. Todavia, a sua decadência, resultante das vicissitudes do comércio negreiro, da ação dos “levantados” e dos cristãos-novos colocados na costa africana, a insalubridade do local, as poucas condições de defesa da cidade, apesar dos esforços – sobretudo no reinado filipino – para a reforçar e dela fizeram alvo dos sucessivos ataques corsários, fizeram que sucumbisse: devastada e destruída pelos ataques (como os de Francis Drake, em 1577, e de Jacques Cassard, em 1762), Ribeira Grande foi progressivamente despovoada.



Ruínas da Sé

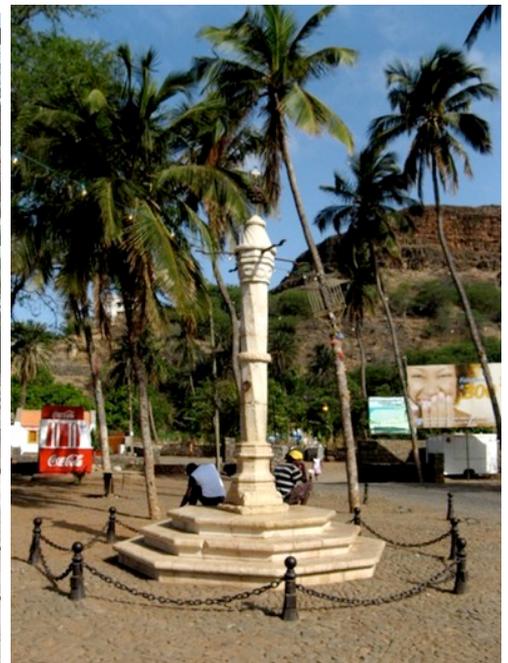
Importa sublinhar que Ribeira Grande, sendo ponto nevrálgico do trânsito transatlântico, foi por isso um chamariz para a ação dos corsários. Grande urbe, Ribeira Grande chegou a ter 24 templos, dos quais apenas restam hoje a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros (séc. XV, cuja capela é a única construção manuelina no continente africano), o convento de S. Francisco (séc. XVI), a Sé Catedral (séc. XVIII) que, juntamente com o seu Pelourinho (ou Picota, séc. XV) e a Fortaleza Real de São Francisco (séc. XVII), lhe conferem ancestral monumentalidade.

Por Ribeira Grande passaram os grandes navegadores de antanho, como Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Sebastián del Cano, etc., que, a par de Francis Drake (o segundo europeu a fazer a circum-navegação mundial (1577-1580) e foi um dos comandantes da frota britânica que derrotou a ibérica “Invencível Armada”, - o Padre António Vieira - que esteve e pregou em Ribeira Grande no seu percurso para o Brasil, onde faleceu - e Charles Darwin (que esteve em Ribeira Grande e aqui começou os trabalhos relativos e a escrever a sua “Origem das Espécies”) – colocaram Cidade Velha no mapa da grande História da Humanidade.

O municipalismo crioulo, alicerçado primeiramente no poder dos reinóis e dos terra-tenentes, foi violentamente combatido durante o período do Marquês de Pombal para dar lugar à imposição da então formada Companhia do Grão-Pará, como se pode ler em Germano de Almeida (“A Morte do Ouvidor”). Tal facto, como o ataque de Jacques Cassard (1762), levou que Ribeira Grande fosse praticamente eliminada, dando-se a fuga da sua população e o progressivo desmoronamento das suas ruínas, deixadas ao abandono.



Rua da Banana



Pelourinho

Tornado o primeiro património nacional existente em Cabo Verde, por disposição de Março de 2009, nove anos mais tarde Cidade Velha foi reconhecida Património Mundial pela UNESCO, no seu congresso de Sevilha, coroando assim os esforços que, em particular a partir da década de 90 do século passado, vinham sendo feitos pelo seu reconhecimento e valorização.

Só por volta de 1932 se começou a chamar a atenção para a importância dos monumentos de Cidade Velha, tendo então o escritor João Lopes (que, mais tarde, foi diretor da Revista Claridade) prefaciado nesse sentido um estudo de Monsenhor Bouças – contudo, durante toda a época colonial nunca houve desvelo por este rico património, tendo mesmo sido cometidas grandes barbaridades contra ele, como seja o desaparecimento da azulejaria existente na Igreja de Nossa Senhora da Rosário dos Homens Negros.

Após a independência nacional até aos anos 90, foram obviamente outras as prioridades, dado o grande atraso do novo país, cuja independência foi reconhecida em 1975. Deste modo, só depois da abertura democrática em Cabo Verde foi possível, com os apoios das cooperações portuguesa e espanhola, assumir a importância de Cidade Velha e corajosamente inseri-la num processo de desenvolvimento sustentado do turismo cultural, atualmente em curso.

As limitações decorrentes das regras próprias à condição de Património Mundial obrigam, para resposta às legítimas aspirações da sua população, a prolongar a construção para lá do Sítio Histórico – a chamada Cidade Nova – que, embora o respeite, se desenvolva sem os condicionalismos que lhe são impostos. O projeto de Cidade Nova, cujos planos decorrem, é o de um centro urbano moderno, com arruamentos arejados, centros cívicos e comerciais, zonas de estacionamento, etc., capazes de proporcionar conforto máximo aos residentes. Confinam com a área destinada aos grandes empreendimentos turísticos, em parte já instalados, ao Liceu e à barragem.



**Tema 3. Tavira - “Centro Histórico de Tavira - Características e Estratégias de Valorização”, Dr. Jorge Queiroz**



A apresentação foi feita por três elementos do Município de Tavira, o Dr. Jorge Queiroz, Dr. Daniel Santana e a Arqt<sup>a</sup> Célia Teixeira, com abordagens específicas e complementares tendo, no essencial, a exposição feita abordado aspetos múltiplos de história, património e estratégia de proteção, desenvolvimento e valorização da cidade e seu património.

Em particular a apresentação referiu ser Tavira uma cidade antiga marcada por uma forte componente histórica, com destaque para o seu Centro Histórico que compreende particularidades próprias e em algumas situações degradado. Conquistada pela Ordem de Santiago, em 1242, foi elevada a cidade em 1520, de perfil mediterrânico, com 25.000 habitantes, luminosa e estuarina, discretamente localizada a poucos quilómetros do oceano o que levou a que os navegadores árabes lhe chamassem “a escondida”, circunstância que lhe conferiu enorme importância pela possibilidade de, no período dos Descobrimentos, funcionar como abrigo de esquadras.

Está integrada no Parque da Ria Formosa o que lhe confere importância relevante em termos ambientais, decorrente deste Parque fazer parte da Rede Natura 2000 e da Convenção de Ramsar, sendo que o concelho de Tavira inclui, para além de extensa zona de praia, cerca de 16 Kms, uma diversidade biológica notável, a que acresce, ser floresta mediterrânea a cobertura de parte significativa da sua área.

São muitos dos recursos e produtos associados a este património biológico que sustentam atividades importantes na economia da região, de que são exemplo a atividade piscatória, que envolve cerca de 200 pescadores (pesca de polvo) de Santa Luzia e produção de bivalves como, ainda, as atividades agrícolas e

florestais que se desenvolvem na zona do barrocal e na serra, de que se destacam, a excelente cortiça, os frutos secos, cereais (pão), olivicultura (lagares) e vinho, para além do pastoreio.

Este conjunto de valores que sustenta, e a que está associado, um património imaterial de reconhecida especificidade e valia, conduziu a que Tavira fosse escolhida como a cidade representante de Portugal na candidatura da Dieta Mediterrânica a Património Imaterial da UNESCO, a qual foi aprovada em 4 de Dezembro, na 8.ª Sessão do Comité Intergovernamental da UNESCO, que decorreu em Baku, no Azerbaijão.

A aprovação e classificação pela Unesco desta Candidatura transnacional de 7 países (Portugal, Espanha, Itália, Croácia, Chipre e Marrocos), significa o reconhecimento como Património Imaterial da Humanidade da Dieta Mediterrânica enquanto estilo de vida associado a tradições e rituais de produção, conservação, confeção e partilha de alimentos.

Esta é a cidade, espalhada pelas duas margens do rio, cujo Centro Histórico, com 66 hectares regista marcas da Antiguidade, em assentamentos fenícios dos Séc. VIII a V a.c. com estruturas visitáveis na “colina genética”, o ponto mais elevado da urbe, Santa Maria.





Cidade cujo passado urbano está assinalado, quer de forma visível à superfície, em particular pelo casario e monumentos, quer subterrânea, em particular fortificações, poços e cerâmicas, descoberta, desde há duas décadas, pela atividade arqueológica (notável o conjunto de achados, conservados no Núcleo islâmico de Tavira, de que se destaca a peça mais célebre, o “vaso” de Tavira, com representações figurativas), tudo num conjunto de vestígios de vários povos, épocas e estilos.

Turdetanos, romanos (estes mais ativos na cidade da Balsa, localizada a 8 Km de Tavira), árabes e berberes, ocuparam o território em diferentes períodos, deixando importantes legados na toponímia, na estrutura fundiária, nas produções agrícolas e técnicas de pesca, no sal, também na cultural local, material e imaterial.

Tavira era a cidade, “a principal de todo o Reino do Algarve” nos séculos XV e XVI de acordo com Frei João de São José, na qual Orlando Ribeiro reconheceu “um ambiente oriental só explicável pela importância do antigo porto”.

O património civil, religioso e militar apresenta grande variedade construtiva, diferentes épocas históricas, funções e estilos artísticos, em particular nas 21 igrejas situadas no interior do perímetro do Centro Histórico é possível identificar todo um percurso sugestivo da história da arte em Portugal, desde o gótico, ao manuelino, do renascimento, ao barroco até ao neoclássico, num conjunto que revela elevada densidade de ocorrência pouco frequente em cidades desta dimensão demográfica, mostuário da história social e da criatividade dos povos do sul da Península.

O património militar constituído por monumentos castrenses inclui a muralha fenícia, o Castelo Medieval como referência de afirmação de poder, fortificações dos séc. XVI e XVII, que serviam de proteção da cidade, um hospital Militar, o quartel da Atalaia (mandado construir em 1795 no reinado de D. Maria II), Palácio do Governador do Algarve e a ponte antiga, reconstruída no séc. XVII.

A este património junta-se o de carácter civil, com uma arquitetura diferenciada (séc. XVI; séc. XVIII e XIX) que o casario ilustra, em particular nas chaminés, platibandas, decorações, pórticos, caixilharia e o mais típico e destacável, as tradicionais coberturas em telhado de tesoura, ou de 4 águas, cada um dos quais ocupa em geral uma divisão da casa (pelo que a casa apresenta telhados múltiplos), e as tradicionais portas e janelas de reixa, havendo uma invulgar concentração deste tipo de portas.

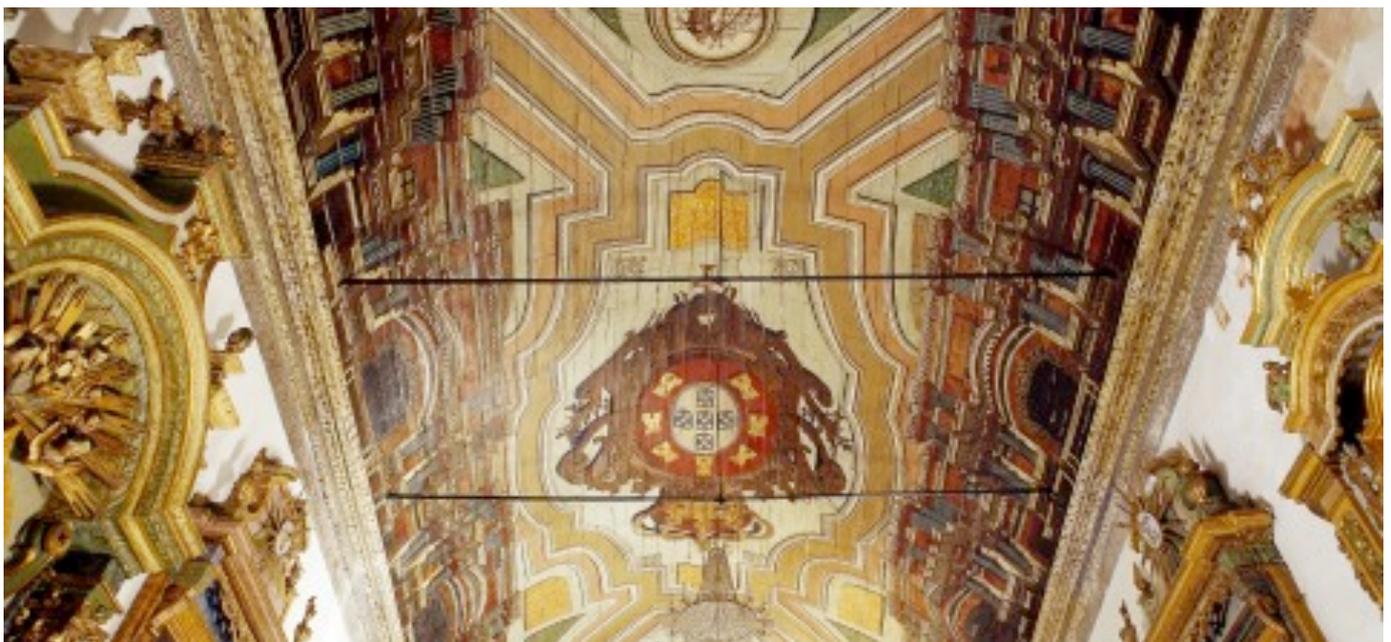


Todo este conjunto patrimonial constitui um conjunto de características que diferenciam Tavira e o seu Centro Histórico e lhes conferem uma identidade própria, que conjugada com os recursos naturais existentes tem levado a uma forte e crescente aposta na atividade turística, a qual têm vindo a ganhar cada vez maior dimensão.

Esta circunstância tem que ser considerada e conciliada com a preocupação de criar uma estratégia conjunta, no sentido de se encontrarem soluções integradas e multidisciplinares de reabilitação e requalificação deste espaço, aumentando assim a eficiência e valorização da estrutura existente e com a introdução de novas funções, uso e equipamentos, compatíveis com as exigências atuais, em benefício da população local e daqueles que visitam o Centro Histórico e a cidade.

Visando uma estratégia integrada de desenvolvimento, é fundamental dispor de regras de intervenção suportadas por legislação, de que é exemplo o “plano geral de urbanização” que defina orientações e diretrizes para os novos edifícios e integre um “plano de salvaguarda”, que proíba a demolição dos que devam ser recuperados ou preservados, bem como a identificação da “área de reabilitação urbana” que, no presente, inclui dois tipos de intervenção, uma por parte do Município (que identificou e deu prioridade à recuperação do Teatro António Pinheiro) e outra a nível privado (em edifícios muito degradados que incluem edificações terrenas e de 3 pisos).

O resultado desta orientação, da qualidade técnica e critérios associados às intervenções efetuadas conduziu a que a cidade disponha de equipamentos culturais de expressiva relevância, de que são exemplo o **Arquivo Municipal**, a **Biblioteca Municipal Álvaro de Campos** (construída no edifício da antiga cadeia), o **Palácio da Galeria**, atual **Museu Municipal** (classificado de interesse municipal público), equipamentos de carácter religioso, caso da **Capela de São Sebastião**, também designada por **Ermida de São Sebastião** estando em curso a recuperação da **Igreja de Nossa Senhora das Ondas**, para além do **Mercado da Ribeira**, **Pousada da Juventude**, **Condomínio privado de Nossa Senhora da Piedade** (ou das Bernardas).



A preservação e valorização de todo este valioso património representa uma enorme responsabilidade e encargo para a autarquia e os cidadãos, encargo que inclui a necessidade de assegurar o combate à infestação por térmitas, acrescido com a inscrição pela UNESCO da Dieta Mediterrânica como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

#### **Tema 4. M'Banza Congo - "Projecto de Candidatura a Património Mundial", Dr. Rogeiro Eduardo Zabala**

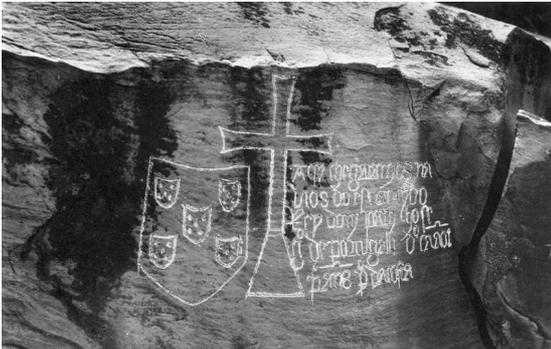
A apresentação feita pelo representante de M'Banza Congo e começou pela referência à localização geográfica da Província do Zaire, associando esta ao poema de Camões nos Lusíadas...*"passaram ainda além da Taprobana..."*, suas coordenadas, extensão de costa, principais recursos, com referência à produção de petróleo angolano (60% do total), florestas, sem deixar de apontar as áreas de maior desenvolvimento atual, em particular, equipamentos, infraestruturas (habitação, escolas e saúde).



Na sua apresentação deu maior detalhe e desenvolvimento, a aspetos históricos e questões ligadas ao processo de candidatura desta cidade a Património Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

No que se refere aos aspetos históricos, o Dr. Rogério Zabala começou por mencionar a data do primeiro contacto português com o então rei do Congo, o que ocorreu no ano de 1490 e teve lugar na capital de M' Banza Congo, na sequência do qual foi criada, nesse local a diocese de Angola e Congo. Sendo que, ainda hoje podemos ver nesta cidade edificações do século XVI, tais como, as antigas ruínas da catedral,

construída no mesmo lugar onde os portugueses construíram a primeira igreja a sul do Equador, bem como a residência dos reis do Congo, onde está instalado agora o Museu do reino do Congo, com enorme espólio de peças que, no seu conjunto, corresponde a um património único associado a um relato extraordinário do passado.



*S. Salvador: antiga Catedral (ruínas)*

O Reino do Congo, cujo Rei (pelo batismo adotara o nome D. João I) tratava como irmão o monarca português era, então, um vasto reino que, para sul se estendia até ao rio Kuanza, pelo que incluía a antiga Luanda, local onde tinham os bakongos (grupo étnico Banto) a sua própria moeda de troca, os célebres “zimbos”, búzios que abundam nas areias da restinga de Luanda considerada a "casa da moeda" do Reino do Congo.

Entretanto as excelentes relações existentes entre os dois Reinos alteraram-se, por mudanças profundas ocorridas, em particular, a nível do comércio, cuja expressão inclui o exercício da escravatura (no Soyo existem ainda marcas/sinais ligados à saída de escravos originários do Reino do Congo). Estas mudanças levaram a que as relações iniciais se fossem degradando, o que criou condições e levou ao início de lutas de resistência contra a ocupação colonial cuja expressão final foi a luta de libertação.

Com fundamento no conhecimento histórico (nos documentos escritos e tradição oral), em edificações existentes, em particular nas ruínas da catedral (ex-libris) e nos resultados já obtidos de escavações arqueológicas em curso, bem como na recolha de informações escritas nos arquivos do Vaticano e Portugal, conjugam-se os levantamentos do Património material e imaterial, reunindo, assim, os elementos que correspondem aos critérios estabelecidos pela UNESCO para candidatura a Património da Humanidade.

Foi abordada a utilidade de contactos com municípios lusófonos que tenham experiência em candidaturas a Património da Humanidade, que se tenham candidatado e sejam hoje Património Mundial, tendo sido salientado, ainda, sobre a candidatura de M`Banza Congo e a propósito da mesma, a necessidade de garantir um bom plano de gestão – uma vez que a UNESCO só inscreve um Bem Cultural desde que tenha a sua fundamentação jurídica, como Bem do Estado e não privado e, por outro lado, atende às condições de sustentabilidade e obtenção de apoios às candidaturas.



Existe a expectativa de que a primeira versão do texto de fundamentação da candidatura de M`Banza Congo a Património Mundial da Humanidade possa ser depositado na UNESCO em finais de janeiro de 2014.

**Visita guiada: “Percurso da Cerca Velha de Lisboa - Património a Descobrir” pela Dr.ª Manuela Leitão e Dr. Vasco Leitão**





Esta visita, a cargo Dr.<sup>a</sup> Manuela Leitão e Dr. Vasco Leitão, foi do maior interesse e permitiu compreender a riqueza histórica da “Cerca Moura” ou “Cerca Velha”, a qual se confunde com séculos de batalhas, cercos e resistências. Lisboa (antiga urbe romana Olisipo) foi ocupada por vários povos, de várias culturas,

desde Fenícios, Romanos, Alanos, Suevos e Visigodos, Mouros e por fim Cristãos, após reconquista e integração da cidade no reino de Portugal por D. Afonso Henriques, em 1147.

A “Cerca Moura” inicialmente associada aos muçulmanos é obra de construção romana, ou mesmo, é possível que os seus destroços tenham sido aplicados por povos que se seguiram à ocupação romana, na fortificação que rodeavam as áreas habitadas, como sistema de defesa, protegendo-as das surpresas dos inimigos. Assim, pode ter tido origem a “Cerca Moura” ou “Cerca Velha”, muralha que servia de proteção a Lisboa, adotada pelo povo islâmico, após a conquista da cidade, em 719.

A fortificação terá sido reconstruída várias vezes pelos muçulmanos. Dessa altura ainda restam retalhos da cerca, algumas torres, cubelos e portas, sendo possível, ainda hoje, vislumbrar alguns dos seus vestígios, que ao longo da visita foram objeto de apreciação, em particular a parte do lanço oriental da muralha junto ao miradouro de Sta. Luzia (onde se localizava a Porta do Sol), a ombrear a escadaria que desce no sentido do rio, e a Porta Nova do Mar, sendo visível, olhando no sentido do rio, junto ao gradeamento encostado às casas.

Dentro da linha de muralhas o percurso levou a Medina, área residencial e comercial distribuída pela encosta do castelo. A sua área limitada por três lanços, oriental, ocidental e sul, era aproximadamente de 15 hectares e meio, sendo o perímetro muralhado interrompido por cinco portas: do lanço oriental, mais a norte, a Porta do Sol e perto do cotovelo que se ligava ao lado paralelo ao rio, a Porta da Alfama; do lanço sul, a Porta do Mar Antiga (mais tarde seria aberta uma nova mais a oeste, perto da Sé); e do lanço ocidental, próximo do rio, a Porta do Ferro e junto à alcáçova, a Porta da Alfafa.

O tempo disponível não permitiu concluir a visita, mas o que foi observado, associado às explicações dadas pelos guias, foram reveladoras de um profundo conhecimento e entusiasmo contagiante, deixou, em todos, o desejo de voltar a fazer a visita em todo o seu percurso.



© Telmo Miller

***Tema 5. Ecobranco – Reabilitação e Restauro, Lda – “Reabilitação e Restauro – sustentabilidade futura”, Eng.º Carlos Muralha***

A intervenção da Ecobranco – Reabilitação e Restauro, Lda no encontro da UCCLA teve por objetivo apresentar a perspetiva de uma empresa de reabilitação e restauro face à necessidade cada vez mais sentida e reconhecida de sustentabilidade nas intervenções e aos constrangimentos com que atualmente se confrontam as empresas especializadas nesta área.

Assim, foram apresentadas algumas linhas de pensamento que defendem que as intervenções sobre o património histórico e artístico devem ser concebidas, desde o seu início, numa forma integrada, tendo em atenção não só aspetos técnicos mas igualmente aspetos relacionados com as suas funcionalidades e utilizações futuras, com vista à rentabilidade dos espaços intervencionados no sentido de minorar as necessidades e custos de intervenções futuras. Foram focados aspetos que se consideram de especial importância como o planeamento, os planos de manutenção e formação dos técnicos responsáveis pelos espaços.



Relativamente às grandes questões que atualmente se colocam às empresas especializadas em reabilitação e restauro, fruto em grande medida do atual enquadramento legislativo, foi abordada a questão de os concursos públicos serem realizados por grandes empreitadas (incluindo não só trabalhos de conservação e restauro mas também, AVACS, construção WC, coberturas, fornecimento de novos materiais, etc) cujo valor global e necessidades de alvarás correspondentes ultrapassam em muito as características das empresas especializadas em reabilitação e restauro de património histórico e artístico. O que acontece no atual quadro é o sistema de sub contratação de empresas de conservação e restauro, em fase de concurso, por outras empresas, detentoras de capacidade para a obra global, mas sem conhecimento ou experiência das especificidades da conservação e restauro. Mais grave ainda, muitas vezes, por pressões financeiras, quando chegamos `fase de obra estes trabalhos não são realizados por entidades devidamente capacitadas.

### **Tema 6. Évora - “A Gestão Turística do Património Cultural”, Dr. Nuno Domingos**

#### **"A GESTÃO TURÍSTICA DO PATRIMÓNIO CULTURAL (resumo)**

O Planeamento de Uso Público: Uma metodologia participativa de gestão turística do Património Cultural - O Caso dos Centros Históricos”, é o tema que pretendo desenvolver.

Quantas vezes, depois de visitar um lugar, nos perguntamos o que é que ficou dessa visita. Muitas dessas vezes vem-nos à mente um número já quase indistinto de factos, datas, acontecimentos que breve esqueceremos. Da visita retemos as emoções das experiências vividas, a memória do prazer dos locais, o gosto dos bons momentos.

Por outro lado, do ponto de vista de quem acolhe, as questões que se levantam são:

Que pretendemos que os nossos visitantes levem na sua memória da visita feita ao nosso sítio?

O que pretendemos que recordem do dia ou dias que passarem entre nós?

Que queremos que contem aos amigos sobre o nosso sítio?

Como influenciá-los a voltar?

Como nos organizamos para que isso possa acontecer?

São estas e outras questões que estarão em equação nesta comunicação.





Para além do resumo apresentado, incluído no presente relatório, o Dr. Nuno Domingos durante o debate (que teve lugar após a sua apresentação), mencionou aspetos que se referem importantes para o Município, com destaque para os 3 programas municipais de recuperação no Centro Histórico - “casa caiada”, “caixilharias” e “reparação de coberturas” - aos quais estão associados 10 anos de investimentos.

Estes programas foram desenvolvidos no âmbito do “Projeto Rehabita”, o qual, na sua amplitude (no seu conjunto) possibilitava intervir e resolver problemas de salubridade, casa de banho, cozinhas, etc., e superar dificuldades financeiras da Câmara Municipal de Évora.

Estas dificuldades e o facto do Projeto Rehabita ter terminado, veio agravar e reduzir as possibilidades e qualidade das intervenções, nomeadamente a nível do parque habitacional, de que resulta uma crescente preocupação que levou o atual executivo municipal a listar, dentro das suas prioridades, a reivindicação ao poder central dum Plano Nacional de Reabilitação de Fogos Regionais (com o nome que for entendido), aspeto para o qual deixou a sugestão da UCCLA poder reforçar e apoiar este objetivo.



A Câmara Municipal tem ao seu dispor programas nacionais e municipais para a recuperação de imóveis no Centro Histórico.

## **Tema 7 Lisboa - “A Regeneração Urbana da Frente Ribeirinha de Lisboa”, Arqt.º Paulo Pais**

Foram apresentados os principais projetos e planos com incidência na frente ribeirinha, em curso, que apresentam componentes de reconversão urbana, requalificação de espaço público ou que constituem edifícios âncora de revitalização urbana.

### **A regeneração urbana da frente ribeirinha de Lisboa**

Apresenta-se um breve enquadramento da estratégia territorial constante no novo Plano Diretor Municipal, bem como no novo quadro de governância da frente ribeirinha, após o protocolo de entendimento entre o Estado Português e o Município.

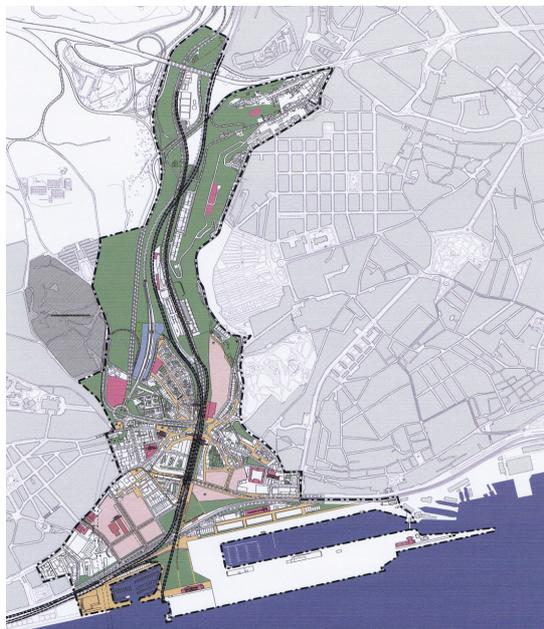


**Reconversão da Doca de Pedrouços**

A apresentação feita pelo Arqtº Paulo Pais, permitiu compreender como os principais projetos e planos com incidência na frente ribeirinha de Lisboa estão a ser desenvolvidos.

No essencial, dada a riqueza e detalhe da apresentação, foi explicado o paradigma da mobilidade na cidade de Lisboa, que se caracterizava por ser um sistema de estrutura *radio cêntrica* ligeiramente alongada na direção Nordeste, cujo vértice estava localizado na Praça do Comércio.

Ao longo do tempo, o centro da cidade, de carácter marcadamente histórico, migrou progressivamente para a parte norte da Baixa, Marquês de Pombal e depois, ainda mais para norte, situando-se entre as Avenidas da República e a 5 de Outubro, espaços onde se situa o principal pólo de emprego na cidade.



**Plano de Urbanização de Alcântara**

Lisboa tem uma situação particular no sentido de que muita da sua atividade, associada a empregos e vida universitária, é assegurada por população ativa que reside fora da cidade. Acontece que, diariamente, entram na cidade cerca de 600.000 pessoas para trabalhar e dos 120.000 estudantes universitários nem todos residem em Lisboa, pelo que toda essa população, que vive na zona metropolitana da cidade, se deslocava, diariamente, para trabalhar e estudar utilizando um sistema sem alternativas viárias.

Este paradigma conduzia a que, quer os que vinham pela zona norte, quer os que entravam na cidade pela zona ocidental, utilizavam o corredor ribeirinho, chegavam à Praça do Comércio, subiam pela Rua do Ouro, continuavam pela Avenida da Liberdade até chegarem aos locais de trabalho ou de estudo, frequentemente localizados nas Avenidas Novas, sistema que em nada beneficiava a Baixa, dado que as pessoas não paravam o carro para fazer compras e pouco utilizavam os serviços aí localizados, simplesmente a atravessavam, resultando numa significativa poluição, fosse sonora ou atmosférica.



Situação Existente:



Proposta:



### Requalificação do Cais do Sodré / Corpo Santo

Esta situação levou a que fossem concebidas soluções alternativas de trajeto, tornando possível que, quem vem pela marginal desde Cascais, chegue a Alcântara e não tenha que seguir em frente e possa seguir diretamente para a zona norte da cidade e os que vêm da zona norte oriental possam fazer logo os desvios necessários para chegar onde precisam, descongestionando a Baixa.

Sobre esta solução referiu que, logo após o primeiro mês em que foi implementado o novo sistema, a circulação na Baixa, associada à estação de metro Baixa – Chiado, aumentou, de um mês para o outro, em cerca de 8%, o que é notável a nível de transportes públicos.



### Requalificação da Avenida 24 de Julho

Por outro lado há uma grande aposta na requalificação e valorização do espaço público da Baixa e na reativação da sua função residencial, criando âncoras para que tal possa acontecer, processo sustentado no 1.º Plano de Salvaguarda, elaborado de acordo com a nova legislação sobre património.

Desse modo se pretende melhorar a acessibilidade na relação da Baixa com a sua proximidade, na base das acessibilidades pedonais assistidas, que são da maior importância para o reforço e melhoria dessa mesma acessibilidade, o que significa que o modelo proposto, o novo paradigma de deslocação dentro da cidade, não tem por base o automóvel, mas a sua substituição pelo recurso à utilização de transportes coletivos, penalizando, assim, apenas os que atravessam e apenas atravessam a zona histórica da Baixa.



### Elevador para o Castelo



**Braço de Prata / Matinha**

**Tema 8. Guimarães – “Pensar a Cidade: Um Caso de Estudo”, Arqt.º Ricardo Rodrigues**

A síntese incluída neste relatório, que o Arqº Ricardo Rodrigues disponibilizou, expressa o essencial da sua apresentação, a qual poderá ser percecionada na sua totalidade, mediante acesso à 3ª parte da transmissão feita em directo cuja visualização está disponível.

“Pensar a cidade é um ato quotidiano, natural, que resulta da necessidade de progredir. O progresso está associado a múltiplas ideias de desenvolvimento e dentro desta multiplicidade há contradições, oposições.

A transformação da cidade não é alheia à controvérsia e ao debate - são partes integrantes das nossas cidades e são, em si mesmas, evolutivas.



Em Guimarães são muito claras estas marcas, aquelas oposições e as diversas ideias que vão atravessando a nossa História, e este facto sustentou fortemente a inscrição de Guimarães como Património da Humanidade.



Não é tão claro o modo e o tempo que lhes estão associados, não obstante serem os dois fatores que lhes dão vida, forma e conteúdo.

Contribuir para a sua explicitação e reflexão será o nosso objetivo neste Encontro da Rede Temática para a Proteção e Valorização de Centros Históricos.”

### ***Encerramento - Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Carlos Manuel Castro***

O encerramento do Encontro foi da responsabilidade do Dr. Carlos Manuel Castro que, na sua intervenção, deu especial ênfase a um conjunto de referências associadas, em particular, ao mundo lusófono, à UCCLA e às atividades que são instrumento relevante e fortalecem a estratégia que o mundo lusófono prossegue.



Neste contexto fez referência ao papel da UCCLA na valorização dos espaços da lusofonia, marcadamente, no âmbito das cidades, que tem, nesse domínio um papel fundamental, no qual, para além da CPLP, a UCCLA merece referência especial, enquanto pioneira no abrir caminhos de aproximação entre os povos lusófonos.

Deu destaque à candidatura de M` Banza Congo a Património Mundial, candidatura com fundamento não só aspetos históricos, como no seu património/ruínas antigas, realçando como tal candidatura é elucidativa da importância que as cidades lusófonas estão assumindo no mundo futuro de expressão lusófona, com base na sua identidade nacional.

Deu destaque à necessidade de se lançar um desafio no sentido de reforçar e desenvolver iniciativas que, na lógica lusófona, conjuguem, e possam ter dimensão nacional e local.



Referindo-se ao encontro em particular (articulação entre cidades, seja a nível da arquitetura, da reabilitação urbana, ou da proteção civil), salientou que estes são momentos da maior importância, para que se possam valorizar com a mais-valia da dimensão lusófona, a qual tem estado um pouco ausente, dada a tentação da dimensão europeia, pelo que, reforçou, ser necessário aprofundar a relação da lusofonia.

A este propósito expressou a sua convicção de que, nas relações mundiais, se há projeto mundial que não viva de tutelas soberanas relativamente a ex-colónias, é o projeto da amizade fraterna lusófona.

A lusofonia está presente nos quatro cantos do mundo, sendo capaz, pelas suas virtualidades, de nos relacionar com outros povos, com todos os povos lusófonos, razão pela qual devemos continuar a realizar estes Encontros procurando servir bem e trabalhando com esse objetivo, já que a lusofonia não tem fronteiras e representa o nosso primeiro e último bem.

## **V. CONCLUSÕES/RECOMENDAÇÕES**

O Encontro decorreu de acordo com o programa (temas, oradores, debate e visita guiada) e atingiu os objetivos que lhe foram associados, sendo de salientar o excelente planeamento, organização e qualidade e condições do espaço disponibilizado pela Câmara Municipal de Lisboa. A excelência dos temas e riqueza dos debates foram resultado, desde logo, do número de municípios, o maior de sempre, associada à qualidade técnica e competência dos participantes.

Para além da participação portuguesa (14 Municípios) participaram no Encontro, representantes da Cidade Velha (Município da Ribeira Grande de Santiago, em Cabo Verde) e de Angola, em representação dos Municípios de Luanda (província de Luanda) e M`Banza Congo (província do Zaire), para além de instituições convidadas, o que correspondeu a um total de 40 participações institucionais.

Ficou claro que no âmbito dos objetivos que a Rede “Proteção e Conservação dos Centros Históricos” prossegue, estes Encontros são fonte e instrumento, desde logo de partilha e conjugação de esforços, entre as cidades da Rede e outras cidades lusófonas, o que se reveste de clara utilidade, pela riqueza que experiências diferentes facultam e ensinamentos que os diversos graus de organização existentes proporcionam.

Por outro lado os Encontros técnicos são, ainda, um espaço privilegiado para o estreitamento, aproximação, fortalecimento e importante “mais-valia” da dimensão lusófona, como foi referido com ênfase pelo vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Carlos Manuel Castro.

Como recomendações mais importantes do Encontro destacam-se, a desejável continuidade dos Encontros Técnicos da Rede Temática, o apoio a M`Banza Congo, por parte dos Municípios que possuam experiência em candidaturas a Património Mundial, no sentido de reforçar e contribuir para que esta cidade angolana veja concretizada a sua candidatura, e a inclusão no próximo Encontro técnico do tema que aborde a questão dos prejuízos provocados por agentes de degradação de madeiramentos, em particular por térmitas, enquanto reflexão e partilha de conhecimento, que possa contribuir para salvaguardar a existência de condições que a requalificação urbana nos Centros Históricos reclama.

Coordenador do Projeto Redes Temáticas de Cidades UCCLA

Eng.º Renato Martins Costa